

Dia Perfeito

Michelle Aranda Facchin¹

O habitual despertar de olhos pela manhã, alongamento de braços, enfim, normalidade aparente em meio à agonia da inerte rotina. Como se não bastasse, a garganta doente, sofrendo para receber cada gole de saliva.

Cadeias de pensamentos tomaram-lhe conta, invadindo-a sem pedir licença, ora a estória do namorado, ora a do jantar, ora a do trabalho, vezes a da família. Tudo muito latente, desagradável, desconcertante, e demasiadamente constante.

Desejou algo naquele momento: um dia perfeito, daqueles impossíveis. Como que sabendo da impossibilidade de tal desejo, contentou-se por pensar mais um pouco. Decidiu que felicidade não existe a não ser em pequenos fios de luz que batem em sua vida, tirando-a da constância desagradável da rotina. Porém, no final, essa força não é forte o suficiente para permanecer e esvai-se para lugar nenhum, deixando nada mais que boas lembranças e um grande desejo de mais e menos. Mais dinheiro, mais amor, mais saúde, mais amigos, mais viagens, mais futilidades, menos preocupações, talvez até menos perdões, porque é só isso que lhe apetece.

Levantou-se, fez seu café preto e comeu um pedaço de pão doce. Frutas, leite, iogurte.

Iniciou seus afazeres: final de semana seria pra isso. Não tinha como evitar, diante da cozinha empilhada de pratos sujos, livros por toda a casa, papéis e mais papéis, cartas de seus pacientes, relatórios, receitas de remédios para dormir, listas de compras, orçamentos do conserto do carro...

Um pouco mais de horas e estava a aprontar todo o apartamento frio. Dentro de duas horas, um cansaço a venceu e a fez voltar para a cama. Como que atacada por um vírus ansioso, não conseguiu adormecer. Levantou-se novamente, comeu mais um pouco e foi pra rua pensar.

Pensou em tantas coisas ao mesmo tempo, mas de forma tão abstrata, solta, intraduzível, talvez até ininteligível. Pelo menos, para alguma coisa lhe serviu tanta reflexão: seu estado de ânimo para viver o dia perfeito voltou.

A frieza do inverno se fez também dentro dela. Sentiu o vento frio em seu rosto e cabelos, um véu cortante de sentimentos e sensações foi o suficiente audaz para dominá-la e libertá-la ao mesmo tempo. Chorou, porém mal se importou com aquilo já que, de acordo com seus cálculos, aquele estoque cristalino estaria dentro de sua cota diária de sofrimento. Bem sabia que em pouco tempo talvez, bem pouco quem sabe, as lágrimas se esgotariam e o rosto já iluminado cederia lugar ao sorriso natural, próprio dela mesmo.

A tarde foi passando no parque e o sol parecia fugir do dia, como que se não suportasse o inverno. Tempo difícil esse. Sarieva em seu canto, com desejo de um abraço, de um laço qualquer para continuar a viver. Sentiu-se sozinha, como muitos sozinhos no mundo, em busca de laços de vida. Bem ela que sempre esteve em busca de si mesma, com porções de emoções, se bem que impotentes diante da inexorabilidade da vida. Na verdade muito pouco buscou, agora o sabe. Quis muito, isso é verdade. É tanto querer que um dia pensou em morrer. Quer viver, mas não nesses moldes atuais. Vive a orientar-se para um momento só

¹ Professora no Centro Universitário UNIFAFIBE. Mestre em Estudos Literários pela Universidade “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara. E-mail: miafa@bol.com.br

seu. Luta contra si mesma e contra todos, como um poeta à frente de seu tempo. Absorta em tantas reflexões, o dia passou e a noite chegou num estalo de dedos fracos, egoístas.

Fome mais uma vez. Por que comer tanto? Queria mesmo um amor impossível, para distraí-la, quem sabe um amor covarde, bandido, amor não correspondido, amor seguido de ismos, amor incongruente, amor carente, amor solitário, tantas várias formas de amor que não cabem no espaço. Tanto amor pra tão pouca gente, gente pequena, dengosa, desastrosa, incapaz... sozinha. Migalhas. Isso resume toda a existência de Sarieva, a contentar-se com os defeitos, com os erros perdoados, com os dias não vividos, encarados em luta. Sente que seu sangue se recicla a cada dois segundos, para que continue a viver nesse mundo tão cruel, de cruéis perdas e ganhos, de um passageiro pulsar desconcertante tão desnecessário. Sarieva quis chorar mais uma vez. Não pôde, abusara demais da cota diária. Pensou então que pudesse usar o seu estoque de sorrisos. Sorrir para o porteiro, para o cachorro, o pássaro, os transeuntes, para as árvores e até para os carros sem motorista. Como se estivesse em um treino mesmo. Não precisou de muito tempo para rir de si própria.

Sarieva é muito bem intencionada com a vida, porém, há nela uma parte oculta que desencoraja seus planos, uma verdadeira âncora a prender sua liberdade. Em contrapartida, algo maior a carrega por sua existência, sustentando seus vícios infantis, sua ingenuidade, providenciando-lhe amadurecimento e dor também. Traz-lhe alegria e satisfação, para depois cobrar-lhe em duras horas de trabalho semanais. Essa é a vida. Ela nos dá e cobra do jeito que nem sempre escolhemos.

Olhou o relógio. Quase na hora ... do quê? Não sabia, mas bem que podia. Por que tanta inércia, pensou. Aliás nunca havia pensado em passar pela vida desse modo. O poder de escolha é algo insubstituível para ela, mas está um pouco escasso nos dias atuais de Sarieva. Um carro virou a esquina em alta velocidade, rompendo o semáforo vermelho, destruindo as caixas no caminho e foi no desenrolar de suas reflexões que Sarieva nem percebeu em qual momento ao certo os detalhes passaram a não fazer diferença. Os braços de alguém, envoltos em seu corpo, o rosto a lhe tocar os cabelos, os corpos a se segurarem na dança desajeitada, embalada por passos tímidos, a verdadeira ascensão a um mundo desconhecido. Sentiu-se carregada por anjos, embora deles não tivesse qualquer visão certa. Não sentia mais dor, nem desesperança, nada, apenas vazio... algo a que já estava acostumada. Porém dessa vez, parecia-lhe um vazio diferente, de real necessidade para sua alma tão densa. Enfim, pareceu-lhe, finalmente, um dia perfeito.